

56 - A ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**ALEX BARBOSA DE LIMA**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil
alexlb.lima@gmail.com / alex.barbosa@ufms.br

Doi: 10.16887/93.a1.56

Abstract. This article uses the techniques of bibliographic research with theoretical support in Kunz (2001, 2004; 2009), to understand one of the approaches to Physical Education that aims to form a critical subject. This thinking is still new to our area, which for many years was only concerned with technical and reproductive issues. In this way, we will turn to Phenomenology to understand how Kunz formulates his Critical-Emancipatory theory. In addition to the aforementioned author, we will base ourselves on Merleau-Ponty (1999) and Bello (2006) to deal with Phenomenology, among other authors that corroborate with school Physical Education from the critical-Emancipatory approach. This clipping will be carried out because we understand that Physical Education, seen from a phenomenological point of view, understands that the human being relates to the world through his body and that understandings that pass through the field of sense, perception and conscience. No longer conceiving the old notion of duality body/mind, to which the body refers only as an instrument of the mind and submissive to it. Human movement has a new focus, now intertwined with the mind.

Keywords. Physical Education; Critical-Emancipatory Approach; school.

Resumen. Este artículo utiliza las técnicas de la investigación bibliográfica con apoyo teórico en Kunz (2001, 2004; 2009), para comprender uno de los enfoques de la Educación Física que pretende formar un sujeto crítico. Este pensamiento es todavía nuevo en nuestra área, que durante muchos años solo se preocupó por cuestiones técnicas y reproductivas. De esta forma, acudiremos a la Fenomenología para entender cómo Kunz formula su teoría Crítico-Emancipadora. Además del autor mencionado, nos basaremos en Merleau-Ponty (1999) y Bello (2006) para tratar la Fenomenología, entre otros autores que corroboran con la Educación Física escolar desde el enfoque crítico-emancipador. Tal corte se realizará porque entendemos que la Educación Física, vista desde un punto de vista fenomenológico, entiende que el ser humano se relaciona con el mundo a través de su cuerpo y esas comprensiones que pasan por el campo del sentido, la percepción y la conciencia. Ya no concebir la vieja noción de dualidad cuerpo/mente, a la que el cuerpo se refiere únicamente como instrumento de la mente y sumiso a ella. El movimiento humano tiene un nuevo enfoque, ahora entrelazado con la mente.

Palabras clave. Educación Física; Enfoque Crítico-Emancipador; Escuela.

Sommaire. Cet article utilise les techniques de recherche bibliographique avec support théorique de Kunz (2001, 2004; 2009), pour comprendre une des approches de l'éducation physique qui vise à former un sujet critique. Cette réflexion est encore nouvelle dans notre territoire qui, pendant de nombreuses années, ne s'est préoccupé que des questions techniques et reproductives. Ainsi, nous nous tournerons vers la phénoménologie pour comprendre comment Kunz formule sa théorie critique-émancipatrice. Outre l'auteur précité, nous nous appuyons sur Merleau-Ponty (1999) et Bello (2006) pour traiter de la Phénoménologie, entre autres auteurs qui corroborent avec l'Éducation Physique scolaire de l'approche critique-émancipatrice. Une telle coupe sera effectuée parce que nous comprenons que l'éducation physique, vue d'un point de vue phénoménologique, comprend que l'être

humain se rapporte au monde à travers son corps et que des compréhensions qui passent par le champ du sens, de la perception et de la conscience. Ne plus concevoir la vieille notion de dualité corps/esprit, à laquelle le corps ne se réfère qu'en tant qu'instrument de l'esprit et soumis à lui. Le mouvement humain a une nouvelle orientation, maintenant étroitement liée à l'esprit.

Mots clés. Educação Física; Abordagem Crítico-Emancipatória; École.

Resumo. O presente artigo recorre às técnicas da pesquisa bibliográfica com aporte teórico em Kunz (2001, 2004; 2009), para entender uma das abordagens da Educação Física que tem como objetivo a formação de um sujeito crítico. Esse pensamento ainda é novo para a nossa área, que por muitos anos se preocupou apenas com questões técnicas e reprodutivistas. Desta forma recorreremos à Fenomenologia para entender como Kunz formula sua teoria Crítico-Emancipatória. Além do autor supracitado nos fundamentaremos em Merleau-Ponty (1999) e Bello (2006) para tratar da Fenomenologia, dentre outros autores que corroboram com a Educação Física escolar a partir da abordagem crítico-Emancipatória. Tal recorte será realizado por entendermos que a Educação Física vista a partir de um olhar fenomenológico compreende que o ser humano se relaciona com o mundo através de seu corpo e que a esse corpo é possível compreensões que passam pelo campo do sentido, da percepção e da consciência. Não mais concebendo a antiga noção de dualidade corpo/mente, a que remete o corpo apenas como instrumento da mente e submissa a essa. O movimento humano tem um novo enfoque, agora interligado com a mente.

Palavras Chave. Educação Física; Abordagem Crítico-Emancipatória; Escola.

1. Introdução e Metodologia

O presente artigo é um recorte da monografia apresentada na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para obtenção do título de especialista em Pedagogia Crítica em Educação Física. O título da pesquisa na íntegra é O Método Dalcroze Numa Perspectiva Crítico-Emancipatória: a pesquisa-ação enquanto possibilidade pedagógica. Ela foi concluída em 2012 e hoje atuando em escolas municipais de Campo Grande em Mato Grosso do Sul, nas disciplinas de Educação Física, Expressão Corporal, Iniciação as Práticas Esportivas e Arte observa-se o quanto é atual o pensamento da teoria abordada por Kunz. Ao cursar o Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes) na UFMS no ano de 2022 foi possível retomar essas leituras com um olhar de pesquisador e compreender a importância de compartilhamento dos dados pesquisados.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é compreender a abordagem crítico emancipatória da Educação Física. Para tanto nos fundamentaremos em Kunz para entender uma das correntes de pensamento da Educação Física que tem como objetivo a formação de um sujeito crítico, pensamento esse ainda novo para a nossa área, que por muitos anos se preocupou apenas com questões técnicas e reprodutivas. Desta maneira, recorreremos à Fenomenologia para entendermos como Kunz formula sua teoria Crítico-Emancipatória.

Kunz (2004) expõe conceitos importantes da Abordagem Crítico-Emancipatória e que necessitam ser entendidos para sua compreensão: a) as transcendências de limites pela experimentação, pela aprendizagem e pela criação; b) a competência objetiva/prática ou instrumental, competência social, competência comunicativa; c) categorias trabalho, interação, linguagem e rítmica são alguns dos aspectos que serão explicitados e descritos no desenvolver deste artigo.

Como metodologia, recorreremos às técnicas da pesquisa bibliográfica com aporte teórico em Kunz (2001, 2004; 2009), para entender uma das abordagens da Educação Física que tem como objetivo a formação de um sujeito crítico. Sua estrutura epistemológica a partir da Fenomenologia para entender como Kunz formula sua teoria Crítico-Emancipatória. Além do autor supracitado nos fundamentaremos em Merleau-Ponty (1999) e Bello (2006) para

tratar da Fenomenologia, dentre outros autores que corroboram com a Educação Física escolar a partir da abordagem crítico-Emancipatória.

2. Educação Física, Kunz e a Fenomenologia

A Fenomenologia como corrente filosófica tem sua origem no final do século XIX e começo do século XX, com Edmund Husserl. Posteriormente outros filósofos acompanharam suas ideias e as fizeram evoluir, como o também alemão Martin Heidegger e o francês Maurice Merleau-Ponty (KUNZ, 2009b).

A palavra Fenomenologia é composta de duas partes, ambas de origem grega: “Fenômeno” que quer dizer o que se mostra, e não apenas o que aparece e “logia” que pode ser entendida como pensamento ou capacidade para refletir (KUNZ, 2009A). Desta forma a Fenomenologia pode ser entendida como “[...] reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra” (BELLO, 2006, p. 18).

Segundo Merleau-Ponty (1999), a Fenomenologia é o estudo das essências e, segundo essa corrente filosófica é necessário definir as essências da percepção e a essência da consciência. “É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer” (MERLEAU-PONTY, 1999. p. 2).

A Fenomenologia muitas vezes é confundida com o estudo das essências, Kunz (2009b) prefere se referir a ela como “estudo das aparências”, “[...] uma vez que o próprio Husserl afirmava que seria absurdo acreditar na existência de um fato real e verdadeiro que se esconda atrás das aparências. O ser de cada fenômeno é sua aparência” (KUNZ, 2009b, p. 3).

Todos os fenômenos aos quais estamos submetidos passam por três estágios: o primeiro é o da sensação, no qual através do nosso corpo— visão, olfatos, audição, tato – ela é sentida. Posteriormente temos a percepção, que é o que distingue os dados sensíveis ao nosso corpo, e desta forma tomamos consciência de tais fenômenos, que é o terceiro estágio.

Ainda segundo Merleau-Ponty (1999, p. 6): “A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles.” Para Bello (2006), é como se a percepção fosse uma “porta” pela qual é possível ter acesso ao sujeito, e compreender como é que o ser humano é feito.

Nós conseguimos registrar os atos de ver e tocar, mas onde nós registramos esses atos e como os registramos? Aqui está a novidade, pois Husserl diz que o ser humano tem capacidade de ter consciência de ter realizado esses atos, enquanto ele está vivendo esses atos, sabe que os está realizando. Sabe que os está realizando esses atos na relação com algo que está vendo ou tocando (BELLO, 2006. p. 31).

Quando o que é percebido passa a ser registrado por nós, através dos nossos sentidos como visão, audição, tato, então passamos a ter consciência de tais fenômenos. Entendendo a Fenomenologia como uma corrente filosófica que, estuda o corpo e as percepções que através dele, temos dos fatos e fenômenos, apontaremos aspectos sobre a Educação Física e essa base epistemológica. A Educação Física muitas vezes ensinada em escolas e universidades, revela que ainda está vinculada na tradicional tendência positivista, que segundo Pereira, Surdi e Kunz (2010, p. 1) “[...] o positivismo dá ênfase na experimentação em oposição à especulação, incluindo explicabilidade, mensurabilidade, objetividade, validade, etc.; [...]”.

No entanto, é sob a ética fenomenológica que este trabalho tenta refletir acerca do movimento humano, buscando assim, um olhar mais voltado para o ser humano como um ser

integral, abstendo-se da visão dualista, que separa corpo e mente, faremos nossas reflexões aproximando a Educação Física dos estudos fenomenológicos.

A Educação Física algumas vezes está incumbida de facilitar a comunicação do corpo com o mundo, pois mesmo de forma inconsciente ele se expressa e se percebe, sendo a percepção corporal resultante, principalmente dos processos de subjetivação, formação do indivíduo e também sobre o papel que o corpo assume frente ao contexto histórico social (HERCULES, 2007). Assim, a fenomenologia busca uma descrição direta de nossas experiências, tal qual elas são, sem levar em consideração a sua origem psicológica ou explicações causais que cientistas, historiadores ou psicólogos possam prover. Ela investiga o mundo-vida humano (PEREIRA; SURDI e KUNZ, 2010).

A cultura do movimento empregada por Kunz (2004) critica as ações dualistas que vários autores defendem como a cultura corporal relacionadas aos jogos e atividades lúdicas e a cultura intelectual à leitura. Para ele, a cultura do movimento envolve todo o ser humano que não se separa em corpo e mente ou espírito, mas é um só. Fundamentado em Merleau-Ponty (1999), Kunz, nesse conceito de Cultura Corporal, entende que o pensar é tão corporal como o correr.

Embora esse conceito de 'cultura corporal' esteja sendo utilizado por muitos teóricos da Educação Física e esportes, parece-me destinado apenas a reforçar uma cultura desenvolvida pela via do movimento humano. É de qualquer forma, um conceito tautológico, uma vez que não pode existir nenhuma atividade culturalmente produzida pelo homem que não seja corporal (KUNZ 2004, p. 20).

A cultura corporal refere-se às ações como o se vestir, o agir na sociedade, enfim, todas as ações culturais manifestadas pelo ser humano. Quando falamos em cultura corporal do movimento, não incluímos toda a cultura corporal, mas sim, os movimentos codificados que encontramos na Educação Física como a dança, esporte e todas as formas do se movimentar.

A intenção de Kunz na discussão do movimento humano que também se faz na cultura corporal do movimento é destacar os interesses na análise do movimento e não uma abordagem exaustiva da análise do movimento humano pela aprendizagem motora.

Sucintamente, posso afirmar então que o interesse da aprendizagem motora na análise, no estudo do movimento humano se concentra em: estudar o movimento humano enquanto conduta ou ação humana; analisar as possibilidades de otimizar o rendimento motor; e aproveitar estes conhecimentos (anteriores) para a melhoria da performance humana nas dimensões perceptivo-cognitiva, emocional-afetiva, social e motora, e na concepção de interdependência (KUNZ, 2004, p. 89).

O mundo do movimento, a família, o trabalho, o lazer, nos mostram um ser que se movimenta independente da prática do esporte. Todas estas formas do se movimentar estudada pela Educação Física nos remete ao conceito de cultura do movimento. Para Kunz (2004), todas essas atividades do movimento humano, tanto no esporte como em atividades extra-esporte (ou no sentido amplo do esporte) e que pertencem ao mundo do se-movimentar humano, o que o homem por esse meio produz ou cria, de acordo com a sua conduta, seu comportamento, e mesmo as resistências que se oferecem a essas condutas e ações, tudo isto podemos definir, como a cultura do movimento.

Para que o ensino do movimento seja possível de uma maneira a não robotizar os alunos, Kunz faz uso de uma concepção mais crítica, o que ele chama crítico-emancipatório, Kunz elege as estratégias didáticas do professor e inicia a partir de passos denominados transcendência de limites, onde o aluno é confrontado com sua realidade do ensino e seu conteúdo por meio de graus de dificuldades, para isso há três formas de transcender limites:

a forma direta, a forma aprendida no âmbito das possibilidades e a forma criativa ou inventiva (KUNZ, 2004).

A forma direta de transcender os limites, é vista pelo autor como manipulação direta da realidade pela experimentação, possibilidades e propriedades do objeto, maneiras de vivências comunicativas e novas relações sociais. A forma aprendida no âmbito das possibilidades de transcender os limites, é entendida pelo esquematismo, imagem e apresentação verbal da situação do jogo ou do movimento. A forma criativa ou inventiva de uma transcendência de limites é elaborada através das outras duas formas anteriores de representação do saber onde o aluno será capaz de criar/inventar jogos ou movimentos que tenham sentido na situação anterior.

[...] a perspectiva emancipatória propõe de forma direta a transcendência de limites: '(...) manipulação direta da realidade pelo simples explorar e experimentar de possibilidades e propriedades dos objetos'. Nesta forma aprendida de transcendência de limites são incorporadas as formas culturalmente estruturadas das práticas corporais. Forma criativa ou inventiva de transcendência: (...) o aluno se torna capaz de 'definida uma situação, criar/inventar movimentos e jogos com sentido para aquela situação' (KUNZ, 2004, p.117).

Essas transcendências de limites, segundo Kunz (2004), devem atuar concretamente sobre os alunos fazendo com que eles descubram pela própria experiência de manipulação uma maneira de atuação nas atividades, sejam capazes de explicar verbalmente ou representar para que todos entendam e finalmente sejam críticos, questionando sobre suas descobertas e entendendo o significado cultural da aprendizagem.

A Situação de Ensino na abordagem Crítico-Emancipatória é apresentada por Kunz (2004) com os seguintes itens sequenciais conforme observa-se em um de seus planos:

Quadro 1: Situação de Ensino na Abordagem Crítico-emancipatória
Situação de Ensino II

| | |
|--|--|
| Corrida Veloz coletiva | Desenvolvimento de uma corrida do tipo revezamento a partir de um problema apresentado no grupo: correr 150 m em 25 segundos. |
| 1. Arranjo Material: | Cronômetro (relógio) e bastões ou outro tipo de material que possibilite ser passado ao companheiro na corrida. |
| 2. Transcendência de limites pela experimentação: | Os alunos experimentam a corrida com diferentes companheiros na equipe, variando o número de integrantes nas equipes, a distância que cada um deve correr e a forma de fazer passagem de serviço para o companheiro. |
| 3. Transcendência de limites pela aprendizagem: | De acordo com as possibilidades e os limites de cada um compõe-se equipes de três, quatro ou cinco integrantes, distribuindo-os de forma que a soma das velocidades de cada um consiga solucionar o problema. |
| 4. Transcendência de limites criando: | Criar novas formas de correr coletivamente sem utilizar o máximo de velocidade na corrida. Exemplo: desenvolver a mesma corrida coletivamente, revezamento para corridas de resistência. |

Fonte: Elaborado a partir de Kunz (2004, p. 132 – 133).

Conforme exposto no quadro 1 apresentado, observa-se que em uma estrutura atual da folha de planejamento escolar do município de Campo Grande, esses itens podem ser inseridos no espaço de metodologia ou procedimentos metodológicos. Desta forma não havendo alterações na sequência abordada por Kunz (2004)

3. Discussões e Resultados: trabalho, interação, linguagem e rítmica

Para a transformação didático-pedagógica, em que se é superada a competência técnica, e o interesse do ensino passa a ser crítico-emancipatório, e desta forma pretende-se preparar o (a) aluno (a) para uma competência do agir, Kunz (2004), propõe três competências, que “[...] se resume em última análise, à competência objetiva/ prática ou instrumental, à competência social e à competência comunicativa” (KUNZ, 2004, p. 139).

Essas competências são desenvolvidas em categorias, a primeira, objetiva ou prática instrumental, é desenvolvida em uma categoria denominada de trabalho. Esta possibilita ao (a) aluno (a), a partir de seus próprios conhecimentos, habilidades, técnicas e experiências desenvolvidas um contato direto com o mundo e uma transcendência de limites através da via de controle racional com planejamento operativo de suas ações. Esta categoria está também relacionada à performance, porém, é preciso considerar as outras duas categorias (KUNZ, 2004).

A segunda é a interação social, na qual o conhecimento está associado ao ensino democrático de acordo com o grupo de alunos para entendimento da própria realidade sociocultural. Nesta categoria o ensino deve fomentar a capacitação, tanto de alunos(as) quanto de professores(as) para um agir solidário. As relações sociais são problematizadas levando o(a) alunos(a) a compreender e distinguir interesses individuais de interesses coletivos (KUNZ, 2004).

Essas relações não podem acontecer sem o que Kunz (2004) chama de mediação simbólica que é a terceira categoria: a linguagem. Não podemos resumir essa categoria apenas à fala, mas devemos lembrar que todo o corpo também se comunica, “[...] a competência comunicativa deve ser desenvolvida pelo falar, pelo se expressar sobre os fatos, coisas e fenômenos, de forma a relacionar, analisar e compreender esses mesmos fatos” (KUNZ, 2004, p. 140).

A linguagem de caráter verbal, escrita ou corporal é a competência comunicativa a desencadear o pensamento crítico, “[...] conduzir o ensino na concepção Crítico-Emancipatória, com ênfase na linguagem, é ensinar o aluno a ler, interpretar e criticar o fenômeno sociocultural do esporte” (KUNZ, 2004 p. 37).

[...] numa concepção crítico-emancipatória, deverão ser incluídos conteúdos de caráter teórico-prático [...] que permite aos alunos melhor organizar a sua realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com suas possibilidades e necessidades. Isso implica que no ensino além do trabalho produtivo de treinar habilidades e técnicas – que nunca deixam de ser importantes – devem ser considerados dois outros aspectos que, em muitas instâncias, são mais importantes (KUNZ, 2004, p. 36-37).

Podemos observar que o autor não exclui a importância que há em se aprender/ensinar habilidades técnicas, que estão diretamente ligadas à performance, mas destaca também, em outras duas categorias de trabalho, a gravidade em se considerar apenas a primeira como única opção para a Educação Física. O autor fala ainda da interação social:

[...] que acontece em todo o processo coletivo de ensinar e aprender, mas deve ser tematizada enquanto objetivo educacional que valoriza o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativa e participativa. E quando este processo se desenvolve sob a orientação de uma didática comunicativa, o outro aspecto

importante a ser considerado é a própria linguagem [...], enquanto categoria de ensino ganha importância maior, pois não só a linguagem verbal ganha expressão, mas todo o 'ser corporal' do sujeito se torna linguagem, a linguagem do 'se-movimentar' enquanto diálogo com o mundo (KUNZ, 2004, p. 36-37).

Em meio a tantas informações e teorias educacionais, encontramos na pedagogia Crítico-Emancipatória fatores condizentes para a Educação Física atual. Essa abordagem busca a formação de pessoas críticas que possam interagir e questionar sobre os conteúdos propostos, entendendo-os culturalmente.

No âmbito escolar os/as jovens sofrem grandes influências de seus professores. Isso ocorre também limitando ações sociais e culturais seja relacionada aos jogos, esportes ou dança. O processo de libertação do jovem destas condições limitadoras é denominada por Kunz como emancipação.

[...] emancipação e esclarecimento era e é a tarefa de uma teoria de sociedade, uma teoria crítica de sociedade. [...] 'emancipação e esclarecimento' se referem a uma transição social de um estado inicial a um estado final, a qual tem as seguintes propriedades: A) O estado inicial apresenta tanta falsa consciência e erro, quanto existência sem liberdade. B) No estado inicial, falsa consciência e existência sem liberdade estão intimamente ligadas, de modo que os agentes só podem ser libertados de uma situação se eles também forem ao mesmo tempo libertados de outra. C) A existência sem liberdade de que padecem os agentes no estado inicial é uma forma de coerção auto-imposta; a falsa consciência deles é um tipo de auto-ilusão. D) A coerção de que padecem os agentes no estado inicial é uma coerção cujo 'poder' ou 'objetividade' deriva-se apenas do fato de que os agentes não percebem que é auto-imposta. Estado final é aquele em que os... E) agentes são livres de falsa consciência – eles foram esclarecidos – e livres da coerção auto-imposta - eles foram emancipados (GEUSS, 1988, p. 96-97).

Para kunz (2004) a forma de saber que leva à emancipação é um saber crítico com origem no mundo vivido, desenvolvendo-se por um saber elaborado pelo processo interativo e comunicativo num contexto livre de coerção.

Atendendo a três níveis, Kunz (2004), aponta as competências objetiva, social e a comunicativa. Respectivamente elas estão ligadas ao melhoramento da qualidade física e técnica, integração no grupo e de sentir-se responsável nos aspectos ligados a aula.

Estão presentes nesta abordagem três competências nas quais se deve trabalhar com o aluno a objetiva, social e comunicativa. A objetiva refere-se ao que o aluno deverá receber entre conhecimentos e informações. A social o aluno compreenderá as diferentes relações que o homem tem na sociedade, suas relações históricas, culturais, sociais. A comunicativa é verbalizada, ou seja, o ser humano utiliza a linguagem verbal, sendo ela apenas umas das linguagens que podem ser usadas e o movimento também se exprime em forma de linguagem.

Para Kunz (2001), a criticidade é a característica do envolvimento corporal com algo, tornando necessário ter essa vivência para realizar algum questionamento. Ele afirma que: "Ser crítico é ser capaz de questionar, de dialogar e oferecer diferentes respostas ao próprio questionamento, e só se pode realmente questionar e responder sobre aquilo em que se está corporalmente envolvido" (KUNZ, 2001, p.09).

As possibilidades de desenvolvimento motor, intelectual incluindo o desenvolvimento crítico e criatividade são ilimitadas para as crianças. Elas se movimentam e interagem com o mundo de diversas formas. Quando entram na escola são podadas e mesmo com limitações ainda podem tornar-se profissionais muito qualificados.

Das mil linguagens, caminhos e possibilidades que a criança encontra no seu despertar para o mundo a escola lhes retira 999. E se assim mesmo elas

conseguem se ajustar, reprimir impulsos internos, aceitar as regras do jogo social e se adaptar às suas exigências, ela ainda pode surpreender e se tornar um profissional, um atleta ou artista altamente qualificado (KUNZ 2009B, p. 184).

As crianças saltam, correm, brincam, expressam suas emoções e ideias por meio de movimentos criativos e livres. Exteriorizam naturalmente utilizando-se da corporeidade de maneira prazerosa, propondo uma interação com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

Num sentido mais geral e, em especial, nas crianças, todas suas atividades têm certo significado criativo e elas necessitam disso, é o processo de tornar-se humano pela própria natureza antes da intervenção sociocultural. Por isso a tamanha importância que tem a brincadeira, os esportes e jogos na vida do ser humano em crescimento (KUNZ, 2009B, p. 181).

A criança precisa do brincar para o seu desenvolvimento, esse aspecto é importante para o ser humano, pois os jogos, as brincadeiras danças estimulam o crescimento da humanidade antes da intervenção sociocultural.

A linguagem corporal expressa na rítmica é considerada também por Kunz (2004), assim como o esporte, uma das manifestações mais importantes em todo o mundo, e com ajuda dos meios de comunicação, muitas delas têm se voltado para a total desportivização. Podemos observar isso com as competições de dança de salão esportiva, nas quais casais competem e são avaliados pelas suas técnicas, desenvolvimento de passos, entrosamento, ritmo.

Podemos ampliar esse campo, do esporte e da dança desportivizada considerando que muitas vezes esta é competitiva e desgastante, assim como o esporte de rendimento, outras vezes, é semeadora de alegria, prazer e bem-estar. E que se algumas vezes a dança de salão exige movimentos padronizados, outras vezes, existe grande liberdade e interesse pela criatividade. “A caracterização mais típica para a dança e os seus movimentos, é sem dúvida a constante busca de alegria e do prazer proporcionado por movimentos ritmados e compassados, desenvolvendo de forma criativa diferentes funções mímicas e pantomímicas” (KUNZ, 2004, p. 91).

O autor considera ainda que, para que o movimento com ritmo aconteça, dois outros elementos são imprescindíveis: o espaço e a música. Cujos quais, permitem um total envolvimento subjetivo dos(as) praticantes(as) e faz com que a rítmica se torne um fenômeno de expressão e vivência. A rítmica, em um sentido pedagógico, seria o desenvolvimento de um ser humano mais emocional-afetivo do que intelectual-racional. Isso acontece não apenas com quem dança, mas com todos aqueles que se deixam envolver por ela (KUNZ, 2004).

Ainda segundo o autor, a dança é constituída de rituais.

Estes rituais consistem, basicamente, na formação de figuras que, pelo acompanhamento de sons musicais, desenvolve uma linguagem própria e rica em sentidos e significados, uma linguagem que o pensamento lógico-formal da racionalidade moderna não pode expressar de forma verbal (KUNZ, 2004, p. 92).

A subjetividade que há em tantos movimentos, ações e expressões na rítmica torna-se objetivo de vivência alegre e prazerosa (KUNZ, 2004). É também pela rítmica que o homem transcende a racionalidade que o afasta do que Merleau- Ponty (1999) chamou de “ser-no-mundo”. As atividades rítmicas na contemporaneidade são analisadas e procuradas por suas contribuições para a qualidade de vida. Este fato fez com que estudiosos de várias áreas se interessassem pela pesquisa e análise de seus componentes.

Segundo Kunz (2009b) o esporte (bem como a rítmica) são fenômenos socioculturais, e visto em três níveis de análises. Na representação prática com a realização em vários

contextos, representação da imagem midiática e simbólica com a simbologia da realidade esportiva.

Dessa forma, a mídia nos chama a atenção por seu grande poder de persuasão. Ela mostra e conduz a grande massa a buscar seus ideais que nem sempre promovem a saúde, o esporte ou o lazer, mas a indústria comercial que vendem seus inúmeros produtos utilizando-se dos atletas de alto rendimento para expor artigos e acessórios. Outro fator da imagem midiática é o estereótipo do corpo perfeito, causando uma busca desesperada por algo não condizente com a realidade de todos, pois cada pessoa tem sua estrutura corporal. Além destes, sabemos que este nível também esclarece e contribui para a importância da atividade física, seja qual for, colaborando para se obter uma vida saudável.

Fica evidente também que, para o esporte de alto rendimento, considerado atualmente, cada vez mais, um produto da indústria cultural e constituído pela competitividade do mercado, os apelos aos sentidos e significados individuais que o esporte poderia também oferecer não são mais possíveis de serem atendidos (KUNZ, 2005, p.17).

Sendo assim, entendemos que a Educação Física vista a partir de um olhar fenomenológico, compreende que o ser humano se relaciona com o mundo através de seu corpo, e que a esse corpo é possível compreensões, que passam pelo campo do sentido, da percepção e da consciência. Não mais concebendo a antiga noção de dualidade – corpo/mente –, a que remete o corpo apenas como instrumento da mente e submissa à essa. O movimento humano tem um novo enfoque, agora interligado com a mente.

Conclusão

A Educação Física Crítico-emancipatória na qual Kunz (2001, 2004, 2009) se embasa abrange as várias formas de se movimentar, independente da prática esportiva. Com isso é importante que o professor se fundamente em uma proposta com cunho crítico e que contemple a realidade em que o aluno está inserido.

Nas formas de transcender os limites pela experimentação, aprendizagem e de forma criativa o aluno perpassa por momentos reflexivos e sua criação se dá a partir da experimentação, apreensão do conteúdo, de sua realidade e vivências.

Para a atuação na Educação Física escolar da rede municipal de Campo Grande em uma abordagem Crítico-Emancipatória o professor tem a possibilidade de realizar seu planejamento na sequência abordada por Kunz (2004) inserindo os itens nos procedimentos metodológicos, bem como desenvolver sua prática a partir desta fundamentação.

Sendo assim, uma prática da Educação Física com o olhar Crítico-emancipatório e fenomenológico tem um enfoque para a emancipação do aluno a partir de suas vivências e estímulos às reflexões críticas e o seu desenvolvimento da cultura corporal do movimento e do ser integral na sociedade.

Referências Bibliográficas

BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: EDUSC, 2006.

GEUSS, Raymond. **Teoria crítica: Habermas e a Escola de Frankfurt**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.

KUNZ, E. **A Fenomenologia como Fundamentação para o Movimento Humano Significativo**. Movimento. Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 187-210, abr/jun de 2009a.

_____. **Didática da Educação Física I.** 2. Ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

_____. **Didática da Educação Física III.** 2. Ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

_____. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. Stigger, P. M.; Lovisolo, H. (orgs.). **Esporte de Rendimento e Esporte na Escola.** São Paulo, v. 01, p. 27- 48. Autores Associados Ltda, 2009b.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** 2.Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HERCULES, E. D. **A percepção do corpo feminino em alunas de ensino médio: uma composição do discurso feminino e suas imagens corporais.** Dissertação (Mestrado em Educação)-Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.<<http://www.nuteses.temp.ufu.br/> > Acessado em 20 out. 2011.

PEREIRA, D. A.; SURDI, A. C.; KUNZ, E. Contribuições e possibilidades da fenomenologia na construção do conhecimento em Educação Física. **EFDeportes.com, Revista Digital.** Buenos Aires, Ano 15, n. 148, set. 2010.